

## A RESISTÊNCIA NA GUERRA DE CANUDOS NA LEITURA DE ALFREDO BOSSI ATRAVÉS D'OS SERTÕES DE EUCLIDES DA CUNHA.

**Domingos Joaquim da Ressureição NETO,  
Universidade Federal de Mato Grosso  
E-mail: ressurreicaonet@bol.com.br**

**Resumo:** O romance *Os Sertões*, 1902, do jornalista Euclides da Cunha trouxe à tona a situação vivida por nacionais excluídos que ocupavam parte do sertão baiano no início da república brasileira. Euclides denuncia o descaso do Estado para com o sertanejo e a forma atroz como as forças regulares erradicaram os seguidores de Antonio Vicente Mendes Maciel. Euclides dá, no momento da divulgação da obra, voz a um grupo de desempregados, trabalhadores mal remunerados e ex-escravos. O crítico literário Alfredo Bosi na obra *Literatura e Resistência*, 2002, toma o texto euclidiano para fazer uma leitura para os nossos dias e referencia a luta e a resistência de um grupo de excluídos. Bosi mostra o acontecimento vivido por nossos compatriotas há mais de cem anos, mas que ao mesmo tempo está presente no cotidiano de muitos brasileiros – a luta por melhores condições de vida e por um tratamento mais igualitário – visto que a negligência e o descaso são ainda partes da forma de governar para alguns de nossos administradores públicos. Destarte, esse trabalho tem por objetivo maior relatar a resistência do sertanejo em Canudos na visão de Bosi por meio do texto euclidiano, de um episódio da história do Brasil.

**Palavras-chave:** Guerra de Canudos; Resistência; Denúncia.

### I. INTRODUÇÃO:

O crítico literário Alfredo Bosi inicia seu destacado artigo *Canudos Não Se Rendeu*<sup>1</sup> com um fragmento da obra *Os Sertões* do jornalista Euclides da Cunha no qual narra o episódio como “*Exemplo único em toda História, resistiu até o esgotamento completo*”. Bosi discorre, a partir desse fragmento, a heroica resistência dos bravos integrantes do grupo armado de Antonio Vicente Mendes Maciel, o Antonio Conselheiro contra um estruturado e bem preparado exército para aquele combate.

### II. DESENVOLVIMENTO:

#### a. Objetivo(s) da obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha.

O texto euclidiano deixa claro que um de seus objetivos é formalizar uma denúncia aos seus compatriotas da capital federal (na ocasião situada na cidade do Rio de Janeiro) sobre o uso desproporcional da força aplicada pelo exército brasileiro contra um grupo de nacionais esquecidos ou ignorados pelo Estado e que, por ocasião dos conflitos foram rotulados como pró-monarquistas para ser justificada o uso exacerbado da força, culminando em pura violência. Euclides em sua nota preliminar da referida obra afirma que “*Aquela campanha lembra um refluxo para o passado. E foi, na significação integral da palavra, um crime. Denunciemo-lo*”. Euclides, já mesmo antes de Jean Paul Sartre, usufruiu da plena consciência do papel da

---

<sup>1</sup> O artigo citado faz parte da obra *Literatura e Resistência*.

Literatura e da importância do escritor. Sartre, através da obra *Que é Literatura?* – Cap III. *Para quem se escreve?* – afirmava que

[...] o escritor fala a seus contemporâneos, a seus compatriotas, a seus irmãos de raça ou de classe. De fato, ainda não se notou suficientemente que uma obra do espírito é naturalmente alusiva. Ainda que o propósito do autor seja dar a mais completa representação do seu objeto, ele jamais conta tudo”. (p.56).

Assim, Euclides da Cunha deixa claro um dos motivos de sua obra, permitindo ainda que os leitores devem buscar as entrelinhas dos textos para obtenção de mais informações.

#### **b. Como Euclides arquitetou sua obra?**

Alfredo Bosi destaca “dois grandes planos: o *histórico* e o *interpretativo*.” em *Os Sertões*, sendo o primeiro à parte final que é *A Luta* e ao plano seguinte às duas primeiras partes: *A Terra* e *O Homem*.

A ordem impressa por Euclides nas três partes do livro pode ser também compreendida de acordo com uma definição que Anatol Rosenfeld narra na obra *Texto/Contexto II*, na qual é afirmado que

“Podemos conceber o mundo como composto de camadas, das quais a mais alta seria a espiritual. Esta é sustentada pela camada psíquica, que, por sua vez, tem como suporte a camada orgânica dos seres vivos. A base que tudo sustenta é constituída pela camada anorgânica dos seres inanimados (pedras, terra, água etc.). Teríamos, então, a partir da camada mais primitiva, a física-material, a orgânica, a psíquica e a espiritual. Nenhuma das camadas superiores pode existir sem as inferiores, sendo a base de todas a material, anorgânica...” (p. 235).

Nota-se, então, a semelhança dessas camadas à ordem da obra: *A Terra* como a camada anorgânica, *O Homem* como a orgânica e, *A Luta* como a psíquica e acima dessas a espiritual (configurando nessa o conflito).

Bosi ressalta a cultura determinista de Euclides da Cunha, fator esse decisivo para organização da obra.

#### **c. A formação científica de Euclides e sua leitura sobre as raças.**

Sabendo da formação determinista de Euclides da Cunha a qual abarcava ideias positivistas e darwinistas mas o que comentar sobre a sua visão, o seu entendimento quando ele acreditava na teoria poligenista? Ele fala da existência de diferentes raças e traça algumas conclusões:

“As suas conclusões são conhecidas:

‘Não temos unidade de raça’.

‘O português é o fator aristocrático da nossa gens’.

‘A mistura de raças mui diversas é, na maioria dos casos, prejudicial’.

‘A mestiçagem extremada é um retrocesso’.

‘O mestiço... é, quase sempre, um desequilibrado’.

‘... o mestiço - mulato, mamaluco ou cafuz - menos que um intermediário, é um decaído, sem a energia física dos ascendentes selvagens, sem a altitude intelectual dos ancestrais superiores’”(BOSI, 2002, p. 211).

Sendo o sertanejo um “foco de contrastes” na visão de Euclides da Cunha: “*valente, mas supersticioso; forte, mas abúlico; generoso, mas fanático*” (BOSI, 2002, p.211).

As conclusões acima deixam claro “a crença na existência de raças superiores” e o risco que era a mestiçagem para Euclides da Cunha. O tema sobre a existência de várias raças já travava fortes discussões desde o século XVIII como pode ser observado no fragmento do texto a seguir:

“[...] de fato, o que importa a respeito das ciências sociais em nosso período são menos os seus resultados[...] do que a sua firme predisposição materialista, expressa em uma determinação de explicar as diferenças sociais humanas em termos do meio ambiente, e seu comprometimento igualmente firme em relação à evolução. Em 1787 não havia Chavannes definido a nascente etnologia como ‘a história do progresso dos povos em direção à civilização’?”

Um obscuro subproduto deste desenvolvimento inicial das ciências sociais deve, contudo, ser mencionado rapidamente: as teorias da raça. A existência de diferentes raças (ou melhor, cores) de homens tinha sido muito discutida no século XVIII, quando o problema de uma criação única ou múltipla do homem preocupava também aos espíritos de reflexão. A fronteira entre os monogenistas<sup>2</sup> e poligenistas<sup>3</sup> não era simples. O primeiro grupo reunia defensores da evolução e da igualdade humana, com homens que consideravam que, sobre este ponto, a ciência não era conflitante com a Escritura: os pré-darwinianos... O segundo grupo incluía não só cientistas de boa fé, mas também racistas e escravagistas provenientes do sul dos estados Unidos. Essas discussões a respeito das raças produziram uma viva explosão de antropometria, principalmente baseada na coleção, classificação e medida de crâneos, prática também encorajada pelo estranho *hobby* contemporâneo da frenologia, que tentava determinar o caráter a partir da configuração do crânio” (HOBSBAWM, 2010, p. 314)<sup>4</sup>.

#### **d. A primeira batalha vencida pelo sertanejo.**

Após Euclides da Cunha justificar a existência de diferentes raças, ele ressalta a ocorrência da interação entre Homem e natureza, Homem e sociedade e sua árdua adaptação ao meio. Dessa forma, pode-se inferir desde a primeira parte da obra euclidiana a qual relata a infraestrutura geológica, os acidentes do solo, as variações bruscas de temperatura em um curto período de tempo, a escassez de água, dentre outros obstáculos, fizeram parte dos óbices vencidos pelo sertanejo. Pode-se concluir que desde o nício o tabaréu mostra sua tenacidade o que o levou a uma vitória na batalha pela sua perfeita adaptação ao sertão. Conclui-se pelo posicionamento de Euclides da Cunha um cunho darwiniano.

#### **e. Uma batalha à distância.**

---

<sup>2</sup> (Teoria segundo a qual todas as raças humanas descendem de um mesmo tipo primitivo. De acordo com dicionário aulete - aulete.com.br).

<sup>3</sup> (Antr. Teoria segundo a qual a diversidade das raças humanas é atribuída à descendência de vários troncos primitivos. Essa teoria tornou-se obsoleta após o surgimento e a aceitação do darwinismo. De acordo com dicionário aulete - aulete.com.br).

<sup>4</sup> Texto de Eric J. Hobsbawm.

Os contrastes existentes nos modos de vida entre aquele que vivia no litoral e o nacional que vivia no interior do Brasil geraram antagonismos, colocando esses dois grupos como inimigos. O homem do litoral acompanhavam, através da imprensa, a atuação de seus representantes – o exército brasileiro – contra seu inimigo. Assim, estava representada no episódio de Canudos a luta do Homem desenvolvido e equilibrado do litoral contra um sertanejo que era foco de contrastes, um Homem carente de equilíbrio.

**f. A função social de Antonio Conselheiro.**

Com o advento da República no Brasil, a igreja católica é devinculada do Estado.

“A Monarquia sempre fora protegida pela antiga aristocracia rural, pela burocracia imperial e pela Igreja, mas por fim os conflitos ligados à abolição da escravatura e às relações Estado-Igreja haviam começado a dissolver as velhas alianças.” (LEVINE, 1995, p. 37)<sup>5</sup>. Essa cisão gera uma lacuna que reflete o abandono à parte da população brasileira, possibilitando o surgimento de personalidades messiânicas atuando como líderes espirituais pelos rincões do Brasil.

Antonio Conselheiro permeou o interior dos estados do Ceará, Pernambuco, Sergipe e, por fim, funda o arraial de Canudos no sertão baiano. O aumento gradual de sua popularidade deu-se devido à assistência religiosa que prestava aos desassistidos espiritualmente pela igreja católica. O panorama econômico dessa região era de definhamento e “o Estado que mais perdeu, do ponto de vista da influência política, foi a Bahia, devido à sua acanhada base econômica” (LEVINE, 1995, p. 38)<sup>6</sup>. Dessa forma, Conselheiro atua também como líder político de seus seguidores contra a administração pública que buscava, através de arrecadações fiscais exageradas a melhor forma de ser governar esse estado recém federado.

Assim, Conselheiro assume, “a partir da fundação do arraial..., o papel de homem-síntese de uma realidade social e religiosa, a condição de sertanejo pobre... O Conselheiro é o homem da Providência e, como tal, preenche uma função na economia espiritual do sertão.” (BOSI, 2002, p. 211-12).

**g. “Fechemos este livro”.**

O último foco de resistência na luta de Canudos foi narrado pelo jornalista Euclides da Cunha de maneira singular, como pode ser observado:

“Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a História, resistiu até ao esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao estardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados [...].

E de que modo comentaríamos, com a só fragilidade da palavra humana, o fato singular de não aparecerem mais, desde a manhã de 3, os prisioneiros válidos colhidos na véspera, e entre eles aquele Antonio Beatinho, que se entregara, confiante – e a quem devemos preciosos esclarecimentos sobre essa fase obscura da nossa História?” (BOSI, 2002, p. 218-19).

---

<sup>5</sup> LEVINE.

<sup>6</sup> LEVINE.

O professor Alfredo Bosi fala da “linguagem da denúncia e do protesto que remata a narração de uma Canudos derruída e aviltada cumpre uma função de apelo, em que pode aparecer um ‘nós’ empenhado no que diz, e na qual já não reina sem contraste a impessoalidade do discurso factual” (BOSI, 2002, p. 218).

### III. CONCLUSÃO:

Como fazer a leitura de *Os Sertões* a exatos 110 anos depois de sua primeira impressão?  
De acordo com Bosi,

“A leitura moderna d’*Os Sertões* deve apanhar os seus extratos superiores mais resistentes: a inegável potência da representação, o cuidado de ler atrás do fato o seu contexto, a capacidade de desentranhar da história os momentos em conflito e, como se viu linhas atrás, a possibilidade de superar fáceis esquemas ideológicos em busca de uma objetividade mais alta, realizada na denúncia de um equívico que, consumado se fez crime.” (BOSI, 2002, p. 219-20).

Lembrando que, no início deste texto foi feita uma alusão à fala de Sartre ressaltando que ele – o autor – “jamais conta tudo”. Assim, deve-se ler “atrás do fato o seu contexto”. Destarte, há como compreender melhor o conteúdo da obra euclidiana como uma forma de denúncia e protesto desde seu início às últimas linhas.

Os opositos da guerra de Canudos representados por uma elite culta, influenciada pela civilização europeia, por um lado e, parte da população, a qual era vista como retrógrada e inculta, do outro lado representavam dois brasis e, Euclides opta por dar voz, em sua obra, a esses representantes do povo, a um grupo de excluídos. A proposta de dar voz a um determinado grupo dentro da literatura é fato relevante executado por Euclides da Cunha e, pode ser observado que

“hoje em dia é a questão das minorias étnicas ou sexuais, que vêm lutando cada vez mais por espaço em um contexto que as marginalizou através de um longo percurso histórico. No caso específico da literatura, o alvo principal das reivindicações desses grupos é o cânone, que deve ser reestruturado para contemplá-los, corrigindo constantemente desvios e injustiças, que excluíram de toda uma produção vigorosa.” (COUTINHO, 2003, p. 55)<sup>7</sup>.

A obra euclidiana traz de maneira transparente denúncias contra o racismo, violência contra grupos minoritários, a clara exclusão social, autoritarismo e preconceito racial contra um grupo que, por negligência e abandono por parte do Estado, permitiu a “ociosidade, a disponibilidade do sertanejo naquelas paragens.” *Os Sertões*, com cento e dez anos de lançamento, tem em seu extrato a essência de uma obra completa por tratar de denúncias que revelam, até os dias de hoje, a forma como são tratadas as minorias.

### IV. REFERÊNCIAS:

- BOSI, A. *Literatura e Resistência*. Companhia das Letras. SÃO PAULO. 2002.
- COUTINHO, Eduardo F. *Literatura Comparada na América Latina: Ensaios*. Rio de Janeiro EdUERJ, 2003 (caps “Mestiçagem e multiculturalismo na construção da identidade cultural latino-americana.” – pp 41-57). \*
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Rio de Janeiro, Editora Record, 1998.

---

<sup>7</sup> COUTINHO, Eduardo F. *Literatura Comparada na América Latina: Ensaios*.

- HOBBSAWM Eric J. *A Era Das Revoluções*. <<http://xa.yimg.com/HOBBSAWM,Eric>>. Acesso em 10 de abril de 2012.
- LEVINE, Robert M. *O Sertão Prometido: O Massacre de Canudos no Nordeste Brasileiro*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1995.
- ROSENFELD, A. *Texto/Contexto II. Perspectiva*. SÃO PAULO. 1993.
- SARTRE, Jean P. *Que é Literatura?*. Editora Ática. SÃO PAULO. 1989.